

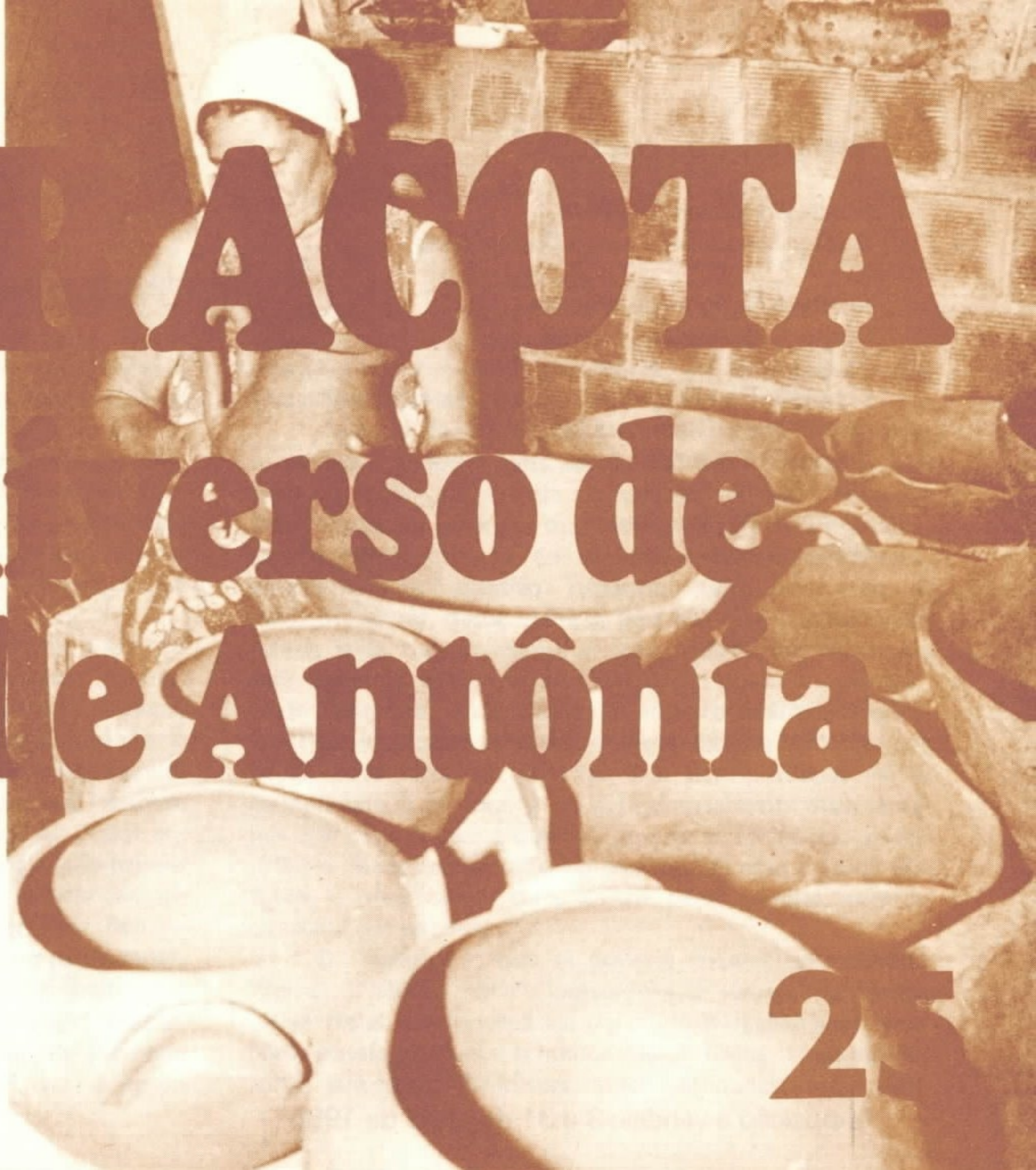
TERRELAÇO

O universo de Isabelle Antônia

sala
do
artista popular

Rua do Catete, 179 - Rio de Janeiro - RJ
(em frente à estação Metrô-Catete)

25



MINISTÉRIO DA CULTURA

Fundação Nacional de Arte

Diretor-Executivo: *Ewaldo Correia Lima*

Instituto Nacional do Folclore

Diretora: *Amália Lucy Geisel*

Comissão Responsável pela Sala do Artista Popular:

Ana M. Heye (Coordenação)

Elizabeth Travassos

Maria Helena Torres

Marina de Mello e Souza

Ricardo Gomes Lima

Fotos:

Ricardo Funari

Programação visual e arte-final:

Marcio Cyranka do Rego Monteiro

Exposição e vendas: 3 a 31 de julho de 1986

TERRACOTA: O UNIVERSO DE ISABEL E ANTÔNIA

Há dezesseis anos no Rio, Isabel Alves de Oliveira é uma paraibana que fez sua vida da terra. Desde menina ajudava a mãe, louceira, como quase toda sua família, apanhando o barro e o amassando. O aprendizado, pode-se dizer, foi feito desta maneira indireta e inconsciente. Quando resolveu modelar sua primeira peça, não foi preciso nada além de cortar um pedaço de barro e dar-lhe forma, esperar secar, colocar no forno e partir para todas as outras que tem feito até hoje.

Criança, brincava, às vezes, com alguma sobra de argila, fazendo bichinhos. Em Imbuzeiro, onde nasceu, nunca fez cerâmica, nem mesmo para uso próprio. Casada, com nove filhos, recém-chegada ao Rio, precisou ajudar o marido, 'seu' Conrado, mas não quis trabalhar como doméstica. D. Isabel gosta de trabalhar em sua casa; sentia-se mal só de pensar em cozinhar, lavar, limpar ou passar em outra casa que não fosse a sua, para pessoas que não fossem da família. Veio-lhe à cabeça, então, a idéia de fazer cerâmica; comprou barro e começou a trabalhar. Nos fins de semana, o marido vendia as peças, pois, mesmo para vender, ela não gosta de sair de casa. E foi com seu trabalho que comprou o terreno, construiu e ampliou a casa onde mora, criou os filhos e se sustenta até hoje. Só que não pretende mais levar as peças para vender 'no largo', que é como

chama a entrada de Rio das Pedras, em Jacarepaguá, onde vive. "Quem quiser comprar, vem aqui."

Falando de sua técnica, D. Isabel diz que "é assim, ó" e começa a modelar uma panela, sentada em toras de madeira no chão da varanda da casa de seu filho. Não usa tinta, taguá ou qualquer outro material que não seja água, para amolecer o barro, que já deixa amassado, em blocos, embrulhado em plástico. Amassou muito barro com as mãos ou os pés, desde menina, para sua mãe, até há pouco tempo atrás, quando comprou uma máquina que lhe poupa este trabalho. Ela gosta de fazer peças grandes e panelas. Nada figurativo, embora valorize muito a cerâmica figurativa. Trabalha todos os dias e dependendo do tamanho das peças, pode fazer até vinte por dia. Esta produção vai se acumulando à sombra, e em aproximadamente duas semanas está pronta para a queima, que faz às 6^{as} feiras, em seu próprio forno, construído por ela mesma com a ajuda dos filhos, e onde cabem cerca de três peças grandes, além de quarenta das pequenas.

D. Isabel é o que se poderia chamar uma mulher "terra", "pés no chão", possuidora de uma simplicidade quase rude. Aos poucos vai deixando perceber suas emoções, poesia, sonhos e o humor meio irônico. Uma mulher forte, que segura firme suas responsabilidades e sabe resol-

ver as dificuldades, confiando inteiramente na capacidade de trabalho, nos seus braços, como ela diz.

Foi ela quem ensinou a 'seu' Conrado a técnica da cerâmica, e ele dedicou-se à figurativa, tendo se demonstrado um artista de grande sensibilidade; suas peças são valorizadas e com D. Isabel só ficaram umas poucas, que ela não vende por preço nenhum. Nem deixa sair de sua cristaleira. À noite, hora em que gosta de cuidar da casa, quando está sozinha, limpa as peças, troca móveis de lugar, varre o chão, fica cismando suas lembranças, sua saudade. Durante o dia trabalha, cozinha, cuida de Fábio, um dos netos, e das plantas, que ocupam grande parte do terreno de sua casa, por onde entra, seguidamente a Tonha, sua ajudante e única aluna. D. Isabel não gosta de ensinar, mas foi vencida pela tenacidade de Antonilia da Penha Ferreira.

Antônia tantas fez que acabou convencendo D. Isabel, há aproximadamente um ano, a passar-lhe noções sobre como trabalhar o barro; daí em diante faz suas experiências sozinha, que a curiosidade é um traço marcante desta ativa capichaba de Cachoeiro do Itapemirim, de cinquenta e nove anos, casada, que já criou quatro crianças de outras pessoas, uma vez que não teve filhos, e que faz de tudo um pouco. Se sustenta fazendo faxina em residências e nas horas vagas costura, cuida de uma infinidade de bichos e plantas, faz cerâmica e sorvete, que a criançada vem comprar em seu portão.

Antônia faz panelas e louça em geral, mas certamente seu filão mais rico é figurativo: frutas, legumes, bichos, máscaras, navios, armas, máquinas, fornos que funcionam de fato, árvores que se transformam em abajures quando ela mesma faz a instalação. Sempre buscando formas e utilidades, faz também contas para colares e pulseiras, brincos e



A varanda da casa do filho, vizinha à sua, é o ateliê de D. Isabel, bem como o espaço para a secagem das peças, uma vez que esta etapa exige sombra.



botões. Trabalha sempre com pouco barro, mas nunca falta um pouquinho em seu bolso e onde quer que vá, vai modelando um xuxu, um ovo, um pastel, contas novas, qualquer coisa que lhe venha à cabeça. A primeira máquina de costura que modelou deu de presente para D. Isabel, que a estimula cotidianamente a continuar suas experiências. No momento, Antônia começa a tentar algumas tintas, embora sem a técnica da segunda queima, uma vez que usa qualquer esmalte sintético ou semelhante, que tenha à mão. Embora já tenha vendido algumas peças, trabalha muito mais pelo prazer de fazer do que pela expectativa de venda. Acumula grande quantidade de peças em sua casa, repleta de enfeites, retratos, pássaros, bichos empalhados ou vivos, e plantas, que compõem um universo hospitaleiro e aconchegante. Como D. Isabel, ela mesma fez seu forno, bem como um fogão de barro, onde cozinha, utilizando, de modo geral, as panelas de sua própria fabricação.

Como não faz cerâmica para sobreviver, Antônia não tem regularidade, trabalhando mais à noite, buscando moldar no barro uma idéia que lhe martele a cabeça. A queima também não é periódica, para alegria da vizinha cujo galinheiro confronta com seu forno, o que a obriga a recolher as galinhas nos dias em que Antônia vai queimar as peças.

A cozinha de Antônia, separada da sala por uma meia parede, misturando utensílios de sua própria fabricação com outros industrializados.



Detalhes e polimento ocupam parte do tempo de D. Isabel.



As duas ceramistas e seus fornos, construídos com o mesmo empenho com que modelam suas peças.

Durante o tempo em que trabalham, D. Isabel e Antônia conversam muito, brincam mais ainda. Riem uma da outra, criticando afetuosamente o modo de ser ou a própria produção. A malícia quase adolescente permeia o conviver destas duas mulheres enquanto vão moldando no barro suas características pessoais: a objetividade e o lúdico.

Maria Helena Torres



Antônia em seu ateliê, um quarto nos fundos da casa.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE
Instituto Nacional do Folclore